

■ PESO NO BOLSO

Volta da cobrança do imposto federal sobre a gasolina eleva o preço do litro para mais de R\$ 5 em Belo Horizonte. Reajuste supera valor de R\$ 0,47 sobre o combustível fóssil

“Carro vai ficar na garagem”, diz motorista após aumento

SÍLVIA PIRES

Diferentemente da noite de terça-feira, quando motoristas formaram grandes filas para garantir o abastecimento com preço menor, postos de combustíveis amanheceram vazios ontem, após o aumento de preço da gasolina em decorrência da volta do tributo federal sobre o combustível fóssil, que começou a valer ontem. Os consumidores já sentem alta no bolso, com a gasolina a quase R\$ 6. Um posto na Avenida Tereza Cristina, abaixo do viaduto da Rua Santa Quitéria, na Região Noroeste da capital, vende a gasolina a R\$ 4,99 até terça-feira, mas ontem o litro passou para R\$ 5,49. O valor ainda é um dos menores encontrados na avenida. “Rodei aqui tudo em busca de um preço menor”, conta o servidor público Gabriel Araújo Silveira, de 31 anos.

Para ele, que depende do carro particular, o aumento vai pesar no bolso. “Esse reajuste é uma facada, a gente fica sem saída. Vamos ter que se programar para abastecer”, disse. Apesar de ter visto o anúncio do aumento, ele diz que tomou um susto ao ver o preço nas bombas de combustível. “Queria ter aproveitado para abastecer ontem e pegar o preço mais barato. Mas estamos com um neném em casa, e hoje que conseguimos sair para resolver isso”, contou Gabriel.

O comerciante André Reis, de 55, planeja deixar o carro na garagem para fugir do preço do combustível. Ele diz que vai priorizar o uso de ônibus depois dessa alta. “Vai pesar muito. Não tem condições de bancar isso. O carro vai ficar parado na garagem a partir de agora. O jeito é andar de ônibus”, disse ele à reportagem do EM. Reis vê com pessimismo a perspectiva para os próximos meses. “Isso já era esperado. Gostaria de falar que consigo enxergar uma estabilidade dos preços, mas a inflação está só aumentando”, avaliou.

Na manhã de ontem, em outro posto, também na Avenida Tereza Cristina, havia fila para abastecimento a R\$ 4,99. Antes, o valor era de R\$ 4,78. O aumento de apenas R\$ 0,21 é estratégico. “Nós não trabalhamos com outros serviços, somente com a venda de gasolina, então, nós focamos no volume de vendas, por isso o preço mais em conta”, disse o gerente do posto, Filipe Basílio de Andrade.

O resultado foi uma fila de veículos mesmo com o aumento. Por volta das 11h, as bombas tinham fila para abastecer. “O posto aqui sempre tem movimento. Ainda tem o pessoal que reclama, mas isso acontece até mesmo quando o preço diminui”, conta o gerente.

O motoboy Cristiano Silva, de 37, foi um dos que aproveitou o preço do posto. Acostumado a abastecer sempre no mesmo lugar, ele nem sabia do aumento no preço. “Sempre venho aqui”. Mesmo assim, ele calcula que o gasto extra deve pesar. “Vai ser difícil. Para a gente que trabalha como motoboy, cada centavo conta”, reclamou. Na noite de terça-feira, o posto chegou a vender mais de 100 mil litros com a corrida dos motoristas para garantir abastecimento com valor menor. “Parecia até greve dos caminhoneiros, a fila estava gigante”, afirmou Filipe.

O governo federal anunciou na terça-feira o retorno da cobrança de imposto sobre gasolina e etanol. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), detalhou o novo valor do PIS/Cofins cobrado sobre os produtos, de R\$ 0,47 sobre a gasolina e de R\$ 0,02 sobre o etanol. Os tributos estavam na casa dos R\$ 0,69 para a gasolina e R\$ 0,24 para o etanol. Segundo Haddad, a diferença de R\$ 0,45 entre as duas cobranças foi mantida de acordo com determinado pela emenda constitucional que, em maio do ano passado, suspendeu a cobrança dos impostos sobre combustíveis.



FOTOS: HANRIBO COBRUM/EMEA PRESS

O comerciante André Reis diz que deixará o carro em casa porque não tem como bancar alta da gasolina



O menor valor que o servidor público Gabriel Araújo Silveira encontrou para a gasolina foi R\$ 4,99

Haddad justifica reoneração

NATHALIA GARCIA

Brasília — O ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), afirmou ontem que o governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) não tem como projeto ficar popular em seis meses e ressaltou que cabe à sua pasta anunciar as medidas menos ‘compreensíveis’ aos brasileiros. A declaração foi dada um dia depois do anúncio feito por Haddad e pelo ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira (PST), da retomada da cobrança

de tributos federais sobre gasolina e etanol. O ministro da Fazenda tem de explicar as medidas que são menos compreensíveis, mas que têm de ser tomadas para o bem do país. Nós não temos projeto para ficar popular em seis meses”, disse Haddad. Ele lembrou que Lula, em seu primeiro mandato em 2003, também tomou medidas duras, embora o cenário internacional fosse mais favorável na comparação com o atual.

Haddad também reforçou a

mensagem dita na véspera, em entrevista coletiva a jornalistas em Brasília, de que a decisão do governo de reonerar tributos sobre combustíveis atende às condições para que o BC inicie a redução da taxa básica de juros (Selic), atualmente em 13,75% ao ano. “Eu, como ministro da Fazenda, tenho de tomar medidas compensatórias para equilibrar o jogo e permitir e até contar que o Banco Central faça a parte dele e comece a restabelecer o equilíbrio da política econômica, com

vistas a um crescimento sustentável”, disse. O ministro, contudo, negou um recado para a autoridade monetária. “Lembrei o que estava escrito na ata do Copom [Comitê de Política Monetária]”, ressaltou. Haddad ainda destacou que o patamar da Selic é reflexo da herança deixada pelo governo Bolsonaro. “O Banco Central não chegou a taxa de juro que chegou no atual governo. A taxa de juro a 13,75% é reflexo do governo Bolsonaro”, disse.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Economia Pagina: 5